



Jornal Nacional: da bancada aos destroços¹

Cynthia Mariah Barreto CORREIA²

Dhenia GERHARDT³

Raphael Pontes MORAES⁴

Rayssa Pajeú SANTOS⁵

Adriana Tigre Lacerda NILO⁶

Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Palmas - TO

*A televisão apela à dramatização, no duplo sentido da palavra: põe assim em cena, em imagens, um acontecimento e exagera a sua importância, a sua gravidade e o seu caráter dramático trágico.
(Pierre Bourdieu)*

RESUMO

O objeto de análise deste artigo é a edição do Jornal Nacional do dia 26 de janeiro de 2012, o dia seguinte ao desabamento de três prédios no centro da cidade do Rio de Janeiro. Considerado o principal telejornal da Rede Globo de Televisão, esta edição do JN deu amplo destaque ao acontecimento, deslocando, inclusive, um dos apresentadores da bancada até o local do acidente. Analisamos, mais especificamente, a “Espetacularização” da Notícia, dada à singularidade dos sentimentos explorados na cobertura deste acontecimento. Como foi possível observar, a abordagem destacou-se por sua dramatização, apelo à dor e ao sofrimento das pessoas envolvidas no fato. Deste modo, desviou-se do compromisso com o a informação contextualizada ao telespectador, que apresentasse uma explicação para o ocorrido e, principalmente, um alerta sobre como evitar um incide de tamanha gravidade.

PALAVRAS-CHAVE

Jornal Nacional; espetacularização; desabamentos; Rio de Janeiro.

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

²Estudante do curso de Comunicação Social – Jornalismo e membro do grupo de pesquisa em Jornalismo e Multimídia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), cynthia_mariah@hotmail.com.

³Estudante do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), dheniag@gmail.com.

⁴Estudante do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), raphaelpontes@uft.edu.br.

⁵Estudante de do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), apajeu_@hotmail.com.



⁶Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), adrianatln@uft.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é fruto do seguinte questionamento. A edição do Jornal Nacional teve o objetivo de informar, de prestar um serviço à população, ou valorizou mais sentimentos como dor e sofrimento, dramatizando o fato, deixando em segundo plano, a investigação sobre a causa dos desabamentos?

Nosso objetivo é analisar como a notícia foi tratada pelo telejornal, destacando os recortes da situação feitos pelo repórter e editores/apresentadores que, notadamente, buscaram sensibilizar o telespectador. Claro que a informação vem junto com a notícia, mesmo que dramatizada, entretanto o que se nota é que a intenção também foi mostrar, por meio da espetacularização, que a emissora (e o telejornal em questão) possui uma grande estrutura, com dezenas de profissionais e equipamentos de ponta. Isso é possível perceber no uso de imagens de helicóptero, câmeras especiais, entre outros detalhes que serão mencionados na análise.

Para buscar a resposta à nossa indagação, buscamos fundamentação na teoria sobre a *Espetacularização da Notícia, Público e Audiência em Televisão*.

Também entendemos necessário, antes de iniciar a discussão, discorrer sobre o formato de um telejornal e suas características, além de fazer um breve retrospecto do que aconteceu na noite de 25 de janeiro de 2012.

Para subsidiar a análise, decupamos toda a edição do Jornal Nacional do dia 26 de janeiro, inclusive, escalada, cabeças e passagens de bloco referentes a outros assuntos, pois, entendemos que isso serve de base para mensurarmos o espaço destinado ao tema principal daquele dia: os desabamentos no centro do Rio de Janeiro.

2. O FATO

Por volta de oito e meia da noite da quarta-feira, 25 de janeiro de 2012, um prédio de 20 andares, chamado *Liberdade* desmoronou, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Os escombros levaram abaixo, também, outros dois edifícios: um sobrado de quatro andares e o prédio *Colombo*, de 10 andares. Em material publicado no site de notícias BBC Brasil (CARNEIRO, 2012), dois meses após os desabamentos, destaca-se



a não conclusão do inquérito policial que apura as causas do acidente, no qual dezessete pessoas morreram e cinco continuam desaparecidas.

3. A INFORMAÇÃO NA TV

De acordo com Frazão (2007), a popularização da televisão é a maior em relação aos outros meios de comunicação. O que ajuda no seu bom desempenho é que o poder da imagem junto com o do áudio facilita o entendimento do telespectador em relação ao que está lhe sendo apresentado. O audiovisual aumenta o interesse do público pelo que está sendo visto e ouvido. É devido a isso que a TV ainda é a principal formadora de opinião no Brasil. Sobre o fato Eugênio Bucci diz:

O poder da TV é bem maior que o do rádio, pois este tem uma audiência pulverizada em quase 3 mil emissoras, que em sua maioria não se estruturam em redes nacionais, enquanto a TV tem plateias verdadeiramente nacionais. [...] Priolli lembra também que, de acordo com o Grupo de Mídia de São Paulo, apoiado em pesquisas do instituto Marplan Brasil, 98% da população entre dez e 65 anos via TV pelo menos uma vez por semana e que, sozinha, a TV atrai duas vezes mais público do que todos os meios impressos, aí computados também os livros, além de jornais e revistas” (BUCCI, 2000, p. 139).

Para Wolton a televisão é um dos principais meios de ligar as pessoas: “[...] é a única atividade compartilhada por todas as classes sociais e por todas as faixas etárias, estabelecendo assim um laço entre todos os meios”. (WOLTON, 2004, p. 135).

“A TV promove sensações e vivências cada vez diferentes aos telespectadores. Apesar de se adaptar com a rotina, o ser humano é atraído pelo diferente, ousado, ou seja, pelo que é espetacular, fora do comum” (FRAZÃO 2007). Daí surge uma explicação do porque do interesse da mídia por dados espetaculares. Na maioria das vezes quanto mais espetacular a notícia, maior é o interesse do grande público.

Sendo assim, Frazão (2007) defende que os canais de televisão tentam diversificar diariamente o conteúdo repassado a seus telespectadores, a fim de manter sua audiência desejada, ou seja, fidelizar o seu público.

É por isso que há um grande interesse por parte dos telejornais pelo espetáculo. Ele “é criado para tentar realizar uma busca para mascarar a realidade do telespectador” (FRAZÃO, 2007, p. 3).

Sobre o noticiário no telejornalismo Arbex Jr. (2001 apud BRANDÃO, 2002, p. 98), diz que ele interfere nos acontecimentos com a finalidade de alcançar objetivos



políticos ou econômicos. Como foi apresentado no *Showrnlismo: a notícia como espetáculo* que descreve o show nos noticiários televisivos.

A televisão [...] não é mera “observadora” ou “repórter”: tem o poder de interferir nos acontecimentos. O telenoticiário diário adquiriu o estatuto de uma peça política, cuja lógica é determinada pelas relações de cada veículo da mídia com o sistema político, financeiro e econômico do país ou região em que se encontra. (ARBEX JR. 2001 apud BRANDÃO, 2002, p. 98)

O sensacionalismo impede que o público tenha um senso crítico uma vez que os telespectadores passam a ter uma opinião pré-formada a respeito do que está sendo abordado. O telejornalismo é precisamente melodramático e constrói uma nova realidade. Guy Debord (1997, p. 15) explica que “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente”.

Essa é uma explicação sobre o motivo dos meios de comunicação massificarem tanto uma informação a ponto de ela ser repercutida e acompanhada por dias. Dessa maneira a audiência é garantida uma vez que os atos são associados aos dramas das telenovelas com os fatos reais do dia-a-dia. Arbex citado por Brandão (2002) tem uma opinião divergente as que foram expostas até então. Para ele. “apesar do poder que a televisão possui não é verdade que ela sempre consiga impor livremente qualquer versão dos fatos”.

4. LÓGICA DE MERCADO E ESPETACULARIZAÇÃO

O cenário atual nos meios de comunicação e, em especial o da televisão, é de extrema concorrência pela atenção não só do público, mas também do mercado. A TV generalista segue a lógica de mercado e não sobrevive sem a influência da publicidade. Desta forma, Souza (2000 apud BRANDÃO, 2002, p. 79-80, grifo nosso) afirma:

A informação televisiva tem, no presente, uma visão mercantil da notícia que assenta, sobretudo, nos interesses do mercado dominante, em que, devido à erupção dos grandes oligopólios da comunicação, se agravou a dicotomia entre, por um lado, o jornalismo entendido como um serviço público [...] e, por outro lado, o jornalismo visto estritamente como um *negócio*, com as notícias a centrarem-se, por vezes, mais no interessante do que no importante [...] vistas unicamente como mercadoria.



É justamente esse “*negócio*” citado por Souza (2000 apud BRANDÃO 2002) que faz com que a televisão, por vezes, valorize demasiadamente o espetáculo, o drama, colocando o que é interesse do público acima do que é interesse público. Concordamos com este autor português que o ideal seria conciliar esses dois interesses, assim como concordamos que isso nem sempre acontece, justamente por conta da busca por maiores audiências.

Não se pode pensar que serviço público é dar ao público aquilo de que ele neste momento mais gosta, mas não se pode deixar de considerar que é necessário fazer tudo para que o público em geral goste cada vez mais daquilo que se considera de interesse público. (COELHO, 2000c apud BRANDÃO, 2002, p. 64 e 65).

Mesmo que o público não atribua qualidade ao programa assistido, o que se leva em consideração é o termômetro da audiência. Como destaca Sorlin (1997 apud BRANDÃO, 2002, p. 61) “Os media não estão interessados no que os leitores e os expectadores sentem, necessitam apenas de um termômetro para medir os lucros previsíveis e proceder à sua partilha”.

Para Popper (199 apud BRANDÃO, 2002, p. 61), essa busca pura e simplesmente pela audiência acarreta um “nivelamento por baixo da qualidade da programação televisiva”, reforça esse “baixo nível” e explica como isso colabora com programas sensacionalistas. “O nível baixou porque, para manterem a audiência, as cadeias de televisão sentiram-se obrigadas a produzir cada vez mais programas sensacionalistas”.

Com a lógica de mercado imperando, é preciso audiência para garantir o lucro oriundo das campanhas publicitárias. Sobre essa lógica Guy Debord (1997, p. 17-18) afirma que “o espetáculo domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente. Ele nada mais é que a economia desenvolvendo-se por si mesma. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores”.

Seguindo este ponto de vista Wolton (1997 apud BRANDÃO, 2002, p. 9-11) ensina que a audiência nos fornece dados sobre o número de telespectadores que assistiram a determinado programa, ou seja, “por definição, o público vê o que se oferece, logo os estudos de audiência não medem a procura, mas apenas a reação da oferta de programas”. Entretanto, não esclarece se era esse tipo de programa que as pessoas gostariam de assistir.



Assim, extrai-se pelas recentes notícias exploradas amplamente pelos meios de comunicação, sobretudo a TV, que a espetacularização promove na maioria dos telespectadores a emoção que dá a sensação de proximidade, de envolvimento com o fato e, conseqüentemente, com o programa que o expõe daquela maneira:

Com o advento da informação-espetáculo, mais do que a novidade, a atualidade ou a brevidade como critérios e características do produto informativo, os responsáveis pela informação televisiva procuram, sobretudo, emoções. Assim, ao mexerem com os sentimentos do espectador, em busca de maiores audiências face às concorrências, ficam subordinados ao mercado, pois, acima de tudo, o que procuram é uma interação forte e direta com o público, por vezes de modo exagerado e a qualquer preço, visando principalmente o recurso a estratégias decididas pelo maior envolvimento do espectador, a fim de aumentarem os referidos níveis de audiência”. (BRANDÃO, 2002, p. 84).

Com relação ao fato ocorrido no Rio de Janeiro e noticiado pelo objeto ora analisado, é válida a consideração de Gérard Leblanc (1989 apud BRANDÃO, 2002) sobre as ordens de catástrofes. Para ele são três as ordens de catástrofes que “coexistem e interagem no interior dos telejornais”: catástrofes da natureza, como uma erupção de vulcão, incêndios, secas e inundações; catástrofes da história, como guerra e revoluções; e catástrofes de natureza humana, como crimes e escândalos.

Diante da classificação do referido autor, em qual dessas ordens o acontecimento no Rio de Janeiro deve ser enquadrado? Somos do entendimento de que os desabamentos foram provocados, ou seja, os indícios apurados até o presente momento são de que uma reforma no prédio seria a possível causa do problema. Diante disso se encaixa na ordem de natureza humana. Por outro lado não acreditamos ser esta a terminologia ideal para classificar crimes e escândalos, por exemplo. Entendemos que “catástrofes de ordem sociais” seria o nome mais indicado.

Ainda na linha da notícia espetáculo, Oliveira (1995 apud BRANDÃO, 2002, p. 84) pontua sobre a busca pela interação com o telespectador, na ânsia de fidelizá-lo ao programa:

Ao mexerem com os sentimentos com os sentimentos do expectador, em busca de maiores de audiências face à concorrência, ficam subordinados ao mercado, pois, acima de tudo, o que procuram é uma interação forte e direta com o público, por vezes de modo exagerado e a qualquer preço, visando principalmente o recurso a estratégias pelo maior envolvimento do espectador, a fim de aumentarem os referidos níveis de audiência.



Após analisar essa e as demais opiniões de autores sobre o tema, fica a pergunta: qual é a saída para fugir do programa espetáculo? Para Brandão (2002, p. 79), diante dessa dependência do mercado, diz ser necessário:

[...] incentivar a busca por um novo jornalismo televisivo que aposte sobretudo em notícias que retratem os assuntos como uma responsabilidade social, e não que legitime, cada vez mais, um conceito de notícia como mercadoria sobreposto ao da notícia como interesse público

4. HISTÓRICO DO PROGRAMA

O Jornal Nacional é um telejornal exibido de segunda a sábado, às 20h30 (horário de Brasília) na Rede Globo. Em um dos cursos elaborados pela própria Globo, exclusivamente para funcionários das emissoras afiliadas, extrai-se que o JN se caracteriza como o telejornal da família, devido ao horário que é exibido, sendo sua missão levar ao ar as principais notícias do dia no Brasil e no mundo. Em seu perfil das redes Sociais, na internet, consta a seguinte frase: “O primeiro telejornal brasileiro via satélite, líder de audiência há quatro décadas”.

O JN está no ar desde 1969, ao ler seu histórico e refletir sobre as mudanças ao longo dos anos, é possível perceber que se trata de um dos principais programas da emissora, recebendo um tratamento diferenciado quanto à equipe de trabalho, cenário, e sendo pioneiro em alguns aspectos, como, por exemplo, ter sido o primeiro a exibir ao vivo uma guerra na televisão - a Guerra do Golfo em 1992. Talvez a explicação para receber tantos investimentos seja o fato do JN ter sido o primeiro programa em rede nacional gerado no Rio de Janeiro, sendo retransmitido para todas as emissoras da Globo, além, é claro, de ter a maior audiência do horário.

O editor chefe é o jornalista Willian Bonner, que também acumula a função de apresentador. A bancada de apresentação é dividida com Patrícia Poeta, que também é editora executiva do programa. Atualmente 62 pessoas integram a equipe, entre editores, chefes de redação, apresentadores, produtores, coordenadores, gerente de ilustração, ilustradores, vídeo-grafistas, gerente de operações, assistentes de produção e diretores. Nos anexos deste trabalho, consta, na íntegra, a ficha técnica com os nomes e funções da equipe.



5. A EDIÇÃO ESCOLHIDA

Conforme já mencionado no início do trabalho, a edição escolhida para a análise foi ao ar no dia 26 de janeiro de 2012, um dia depois dos desabamentos dos três prédios no Rio de Janeiro. Vale ressaltar que, quando a tragédia aconteceu, no dia 25, o Jornal Nacional já havia terminado. A notícia foi dada, na Rede Globo, em forma de plantão, pelo apresentador do JN, William Bonner.

Na edição escolhida a apresentadora Patrícia Poeta ancorou a maior parte do telejornal do local dos desmoronamentos. O fato foi amplamente destacado nas chamadas, escalada e todas as passagens de bloco e até o formato de algumas reportagens foi diferente do convencional.

Notamos o uso de expressões mais sensacionalistas, como a palavra *cicatriz* para se referir ao estrago que restou no prédio vizinho ao que desmoronou primeiro.

Esses são alguns dos exemplos que demonstram como a notícia foi tratada. A seguir expomos os detalhes na análise.

6. ANÁLISE

Para facilitar a análise, vamos dividir o telejornal em partes: escalada, bloco 1, bloco 2, bloco 3 e bloco 4, incluindo o encerramento.

6.1 Escalada

A escalada foi lida pelo Willian Bonner, no estúdio e pela Patrícia Poeta, no local do fato. O destaque à tragédia foi total, com 32 dos 42 segundos da escalada dedicados ao acontecido. Willian Bonner já começou dizendo: “25 de janeiro de 2012” (GLOBO, 2012), referindo-se à data dos desabamentos.

Os outros dois assuntos citados de forma breve foram: a prisão do fabricante de silicone defeituoso, na França, e a demissão de um diretor do departamento de obras contra a seca, em Brasília.

Um *teaser* sonoro de um sobrevivente foi usado para incrementar a escalada e a tradicional frase: “O Jornal Nacional está começando” (GLOBO, 2012) foi dita pela apresentadora Patrícia Poeta, no local do fato, o que enfatizou ainda mais: a edição que começava naquele momento era “especial sobre a tragédia”.



6.2 Bloco 1

Dos 4 blocos do telejornal, o primeiro foi o maior deles. Logo no início já evidenciamos elementos que caracterizam a *espetacularização*: Willian Bonner abre o jornal chamando Patrícia ao vivo do centro do Rio. A apresentadora, após situar o telespectador dizendo entre que ruas e avenidas estava, dá a dimensão da *tragédia*, mostrando as máquinas trabalhando, o entulho que restou e dizendo: “é realmente impressionante” (GLOBO, 2012). Em seguida entrou no ar a primeira reportagem da edição daquela noite. O material de Paulo Renato Soares mostrou *quando, o que, onde e como* tudo aconteceu. Também mostrou o resgate de vítimas e o testemunho de pessoas que estavam no local (*quem*). A matéria evidenciou o pânico, como fica claro nos seguintes trechos do *off*: “de repente, uma correria desesperada” e “Toda a região parece ter sido bombardeada.” Em nenhum momento a matéria tratou do *por que*, que também faz parte do lead, ou seja, a matéria de abertura se ateve ao acontecimento, ao resgate e ao drama das vítimas e pessoas que estavam perto do local, sem tentar explicar o que teria provocado as quedas.

Outro fato que chama a atenção ainda na primeira reportagem é o tempo de duração. Ela teve exatos 4 minutos e 2 segundos, enquanto que o comum nas reportagens do Jornal Nacional é em torno de 1 minuto e 20 segundos. O *off* final da matéria reforça ainda mais o drama: “Os prédios sumiram em segundos, mas as lembranças deste dia não serão apagadas” (GLOBO, 2012).

O primeiro bloco segue com outras duas reportagens, totalizando 13 minutos e 24 segundos. Apesar de todo esse tempo, os três *VTs* destacaram: o socorro, identificação de vítimas, o drama dos familiares e quem eram as pessoas que estavam no prédio que desabou primeiro, sem questionar os órgãos responsáveis o *por que* dos desmoronamentos. A segunda matéria, da repórter Sandra Moreyra, chega a ter a seguinte frase em *off*: “No meio da nuvem de poeira e fumaça, um homem olha da varanda a cicatriz na lateral do prédio vizinho” (GLOBO, 2012). Outro *off* da mesma reportagem explica que os corpos foram levados ao Instituto Médico Legal (IML) e que familiares foram fazer o reconhecimento. As imagens e sonoras eram de parentes chorando muito. Para contrastar com esse sofrimento o *VT* terminou com a entrevista da esposa de um dos sobreviventes. Entretanto o tom também foi dramático: “Ele falou: eu nasci de novo. Eu sou grata a Deus pela vida dele”, disse a esposa na entrevista.



A terceira reportagem do bloco 1 foi de Lilian Teles. Coube a ela mostrar quem eram as vítimas, que idade tinham, o que faziam. Foi a matéria que focou nas histórias de vida, como a de um alpinista que ia se casar no segundo semestre de 2012. As imagens mostraram a noiva chorando muito e um amigo do casal informou, em entrevista, que o noivo havia atendido uma ligação dela 3 horas após os desabamentos e disse apenas: “Oi amor” (GLOBO, 2012), depois o celular ficou fora de área. Em outro depoimento o marido dizia estar no MSN com a esposa, que estava em um dos prédios: “Eu tava com ela no MSN aí a ligação caiu. E eu liguei pra ela ninguém atendia. ela não tinha saído não se despediu não falou nada. foi muito rápido.” uma mulher, aparentemente sedada, que segunda a repórter estava de “coração apertado”, fala do filho: “É filho maravilhoso. A gente, eu criei ele sempre com o maior amor, maior carinho, entendeu? E ele retribuía também. Eu sei lá, não sei viver sem ele. Ele casou agora faz um mês, né? Mas mesmo assim ele ligava pra mim todo dia, mãe como é que cê tá, mãe, tô com saudade.” Personagens como esses ajudaram a dar o tom sentimental à reportagem.

6.3 Bloco 2

O segundo bloco já começa com Patrícia Poeta no local dos desabamentos, no qual chama a matéria do repórter José Roberto Burnier, em que mostra as empresas que funcionavam nos edifícios e continua a valorizar o drama com sonoras de funcionários que sobreviveram.

Apenas na segunda reportagem, de Bette Lucchese, é que começam a mostrar o motivo dos desabamentos. A repórter inicia com um questionamento: “O que provocou a queda dos prédios?” (GLOBO, 2012). Ela entrevista um especialista em gerenciamento de riscos que analisa a maneira como os edifícios caíram e descarta algumas possibilidades. Nessa reportagem o grande público fica sabendo que a possível queda dos desmoronamentos foi uma reforma que acontecia no nono andar.

Como o fato ocorreu no Rio de Janeiro, após a reportagem de Bette Lucchese, Patrícia Poeta finaliza com uma nota pé e o jornal volta para o estúdio com as notícias do clima que já inicia falando da cidade da tragédia: “A sexta-feira deve ser de temporais no Rio de Janeiro, principalmente durante a tarde [...]” (GLOBO, 2012).

Após o clima Bonner chama a reportagem de Júlio Mosquera para falar sobre um relatório analisado pelo Conselho Nacional de Justiça. Ao final dessa matéria os



apresentadores chamam a atenção para as reportagens do próximo bloco, e a Patrícia Poeta, é claro, sobre os desabamentos: “Nossos repórteres ouvem os relatos de quem sobreviveu aos desabamentos dos prédios, aqui no Rio” (GLOBO, 2012).

6.4 Bloco 3

O terceiro bloco inicia com uma matéria de Camila Bonfim sobre suspeitas de irregularidades na distribuição de recursos federais, apresentado por Willian Bonner. Após essa reportagem Bonner apresentar várias notas e ao final volta a falar dos desabamentos com notas cobertas sobre o destaque que a tragédia ganhou na imprensa internacional. Depois das notas Patrícia Poeta volta a falar dos desabamentos com mais espetacularização da notícia, dessa vez a história *surpreendente*, como ela mesma disse, de um rapaz que escapou da morte.

Nessa reportagem de Mônica Teixeira, utilizam várias sonoras de histórias do que aconteceu com o personagem Alexandro, em uma delas a repórter pergunta se ele iria comemorar um novo aniversário por ter nascido de novo.

6.5 Bloco 4

O quarto bloco que era para ser mais tranquilo, se comparado com as outras edições do Jornal Nacional, continuou com notícias tensas, como a do goleiro do São Paulo, Rogério Ceni, que teve de operar o ombro direito, apresentado em nota que sucedeu a do fabricante de próteses mamárias, depois voltou para o local dos destroços, onde Patrícia Poeta entrevistou um coronel do corpo de bombeiros, Sérgio Simões, para saber mais detalhes do resgate a sobreviventes.

Nessa entrevista o coronel diz ser um momento crítico e que não tem mais possibilidades de sobrevivida e refere-se as vítimas já como corpos: “[...] isso [...] faz com que cada um de nós, bombeiros, [...], redobre os seus esforços pra num menor espaço de tempo, a gente conseguiu resgatar esses corpos e amenizar o sofrimento dos familiares [...]” (GLOBO, 2012). Mesmo assim, como se não tivesse prestado atenção, Patrícia Poeta insiste: “Qual é a sua esperança em relação a encontrar pessoas vivas ainda debaixo desses escombros?”, Mas, o coronel muito experiente e por ser uma situação delicada respondeu com toda a atenção e cuidado, sempre se referindo a corpos e não a vítimas.



Após essa entrevista o Jornal Nacional finaliza sua edição, mas deixa claro aos telespectadores que irá fazer a cobertura durante toda a madrugada, antes do *boa noite* de Willian Bonner: “[...] nós voltaremos a qualquer momento, ainda esta noite com outras informações [...] boa noite e até amanhã!” (GLOBO, 2012).

7. CONCLUSÃO

O que nos referimos neste trabalho, é que se passou quase metade do telejornal e o que mais interessaria nesse momento (24 horas depois do acontecido), era tentar explicar o *porquê* da tragédia, o que só foi explorado no segundo bloco, mais de 14 minutos depois do jornal começar. Será que o grande público, horas depois de um fato já noticiado pelos telejornais anteriores, não merece saber, de imediato, o que dizem os especialistas, a prefeituras, o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, e se as investigações sobre as causas já evoluíram? Por mais que os números confirmem que a dramatização da notícia dá audiência, vale refletir sobre o que diz Eduardo Prado Coelho (apud BRANDÃO, 2002), para fazer o público gostar daquilo que é considerado de interesse público, é preciso fazer de tudo o possível.

Além do que analisamos em chamadas e *offs*, também percebemos que houve a preocupação em usar todo o aparato de ponta que a Rede Globo notoriamente possui. A apresentadora Patrícia Poeta tinha duas câmeras à disposição para suas entradas ao vivo, o que não é comum nos links em telejornais. Na reportagem de Paulo Renato Soares, uma câmera foi instalada no capacete de um bombeiro para levar o telespectador mais perto de onde estavam os escombros. Foram usadas ainda imagens do Globocop (helicóptero da Globo) e lançada mão de muita “arte” para ilustrar como os prédios vieram abaixo.

Enfim, entendemos que por se tratar de uma edição bem diferenciada das demais, fez-se necessária a utilização de tais aparatos tecnológicos, anteriormente comentados. Talvez o efeito desejado pela emissora seja o de mostrar o seu 'poder' em nível de audiência e também de equipamentos, mas concluímos que esta cobertura, em especial, explorou demasiadamente o drama e a espetacularização da notícia sobre o desabamento dos prédios no Rio de Janeiro, em detrimento da relevância do interesse público da notícia, critério este primordial em termos de noticiabilidade.



REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Nuno Goulart. **Espetáculo da Notícia**, Lusomundo, Lisboa, 2002.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
246 p

CARNEIRO, Júlia Dias. Dois meses depois de desabamentos no Rio, inquérito segue sem previsão de encerramento. **BBC BRASIL**, Rio de Janeiro, 25 de mar. 2012.

Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/03/120324_desabamentos_rio_dois_meses_jc.shtml> Acesso em: 31 de mar. 2012, 12:52:50.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FRAZÃO, Samira Moratti. **O preço do espetáculo**: a espetacularização da TV no Brasil. Revista Anagrama, São Paulo, set-nov 2007.

GLOBO. **Jornal Nacional**. Edição de 26 de jan. 2012. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/para-assinantes/v/jornal-nacional-2601/1786141/>> Acesso em: 25 de fev. 2012, 18:10:12.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. 7ª ed., Brasília, Distrito Federal, Editora UnB, 2004.